

EDITORIAL

Perspectivas Decoloniais da América Latina: Coordenadas Iniciais e Anúncio de Edição Especial

Juan Pedro Zambonini ¹, Virginia Tosto ²

Editors

¹ Hospital Infantil da Filadélfia, Filadélfia, Pennsylvania, USA

² Universidad de Buenos Aires, Universidad Juan Agustín Maza, Buenos Aires e Mendoza, Argentina

¹ juanzambo@gmail.com

² virginiatosto@gmail.com

Published: 5 July 2024

Resumen

Este editorial contempla certas coordenadas para pensar sobre as perspectivas decoloniais da América Latina. Ele explora as noções de dependência acadêmica, colonialismo epistêmico e pensamento situado como eixos dentro da perspectiva decolonial. Também faz um convite aos musicoterapeutas latino-americanos para participarem de uma edição especial a ser publicada em 2025. Por fim, é apresentada uma breve descrição dos artigos incluídos nesta edição da revista.

Palavras-chave: descolonização; produção de conhecimento; construção do conhecimento; conhecimento situado; América Latina

Desde o final da última década, os termos colonialismo, colonialidade e decolonização começaram a surgir no discurso acadêmico e profissional da musicoterapia. Durante o Congresso Mundial de 2020, na África do Sul, a questão tornou-se uma parte importante da agenda de discussão da disciplina em nível global. O que foi notável durante esse congresso foi que, ao falar sobre colonialismo e descolonização, ficou muito evidente que não estávamos todos falando sobre a mesma coisa, embora estivéssemos usando as mesmas palavras em nossas conversas. Além disso, ficou claro que ainda não havia uma visão sobre como realizar nosso trabalho como musicoterapeutas a partir de uma perspectiva decolonial. E ainda não há.

A América Latina tem um papel especial a desempenhar quando se fala em colonialidade e decolonialidade. É uma região geopolítica que sofreu, e continua sofrendo, os danos dos processos colonizadores e da globalização. Ao mesmo tempo, é um exemplo de luta e desenvolvimento de linhas de pensamento originais, altamente enriquecedoras e esperançosas, que surgiram não contra, mas fora do discurso daqueles que produzem

conhecimentos nos países centrais. Talvez isso seja novidade para muitos leitores de *Voices*.

Nesta apresentação, gostaríamos de oferecer algumas coordenadas para a compreensão das perspectivas decoloniais e fazer um convite para participar da edição especial sobre as Perspectivas Decoloniais em Musicoterapia da América Latina.

Em primeiro lugar, é importante distinguir as diferenças entre colonialidade e colonialismo. Os membros do Grupo Modernidade/Colonialidade, formado por cientistas sociais da América Latina, afirmam:

Colonialidade não significa o mesmo que colonialismo. Colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui essa nação como um império. Diferentemente dessa ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas, em vez de se limitar a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, refere-se à maneira pela qual o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas são articulados por meio do mercado capitalista global e da ideia de raça. Assim, ainda que o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. (Maldonado-Torres, 2007, p. 131)

É essa colonialidade epistêmica que explica a imposição do conhecimento global sobre as realidades locais, torna invisíveis as contribuições da periferia e coloca o conhecimento no mercado capitalista global. Dessa forma, entendemos a colonialidade epistêmica como uma coordenada central para a discussão das perspectivas decoloniais.

Relações de Dependência na Academia

Gostaríamos de nos referir, como próxima coordenada, à questão das relações de dependência-autonomia entre centros e periferias que podem ser reconhecidas no mapa do capitalismo cognitivo (Zukerfeld, 2008). Originalmente formulada no campo da economia e das ciências sociais latino-americanas a partir da década de 1960, a teoria da dependência demonstrou que as condições de subdesenvolvimento nos países hoje conhecidos como Sul Global se deviam mais a um sistema econômico internacional projetado e imposto pelos países centrais (o chamado primeiro mundo) do que a fatores intrínsecos específicos dos países periféricos ou do terceiro mundo (Dos Santos, 2003).

No campo acadêmico, as situações de dependência colocam a produção latino-americana no papel de receptora passiva das inovações dos países centrais. Isso explica a aceitação de critérios que não correspondem às realidades da região e que, como exemplo, condicionam a escrita acadêmica e determinam o sistema de avaliação e promoção dos trabalhos de acadêmicos, docentes e/ou pesquisadores (Beigel, 2013). Isso também fica evidente na elaboração de programas de formação que privilegiam os autores advindos dos centros de produção de conhecimento, aceitando suas contribuições de forma acrítica e aplicando-as com uma universalidade que impossibilita questioná-las. Reconhecemos aqui os traços da persistência de um padrão colonial de poder, conforme entendido por Castro-Gómez (2007), Lander (2000) e Mignolo (2003, 2005).

Como membros da comunidade acadêmica e profissional da região, entendemos que os musicoterapeutas latino-americanos há muito se encontram em um dilema. Por um lado, há a questão de desenvolver ferramentas teóricas e metodológicas diretamente ligadas às suas comunidades de pertencimento e, por outro, o fato de validar seu conhecimento sob as condições e regras impostas pelas comunidades de referência lideradas pelos países centrais, que trazem prestígio aos autores e validação ao conhecimento que atribuem (Perrota, 2017; Perrota e Porcelli, 2019).

Relações de Dependência na Prática da Profissão

Nos resultados de um estudo que publicamos em 2022 (Díaz Abrahan et al.), descobrimos que os musicoterapeutas latino-americanos, pragmaticamente, valorizam mais as publicações (artigos, livros, material audiovisual) cujo conteúdo lhes permite aprimorar sua prática profissional. Ao mesmo tempo, relatamos uma falta de interesse em publicar suas próprias práticas. Esses dados foram desafiadores em muitos aspectos: por que alguns colegas não se envolvem com a escrita, sabendo que esse é o modo privilegiado para a construção do conhecimento disciplinar? Por que eles parecem subestimar os benefícios que a formalização de suas próprias práticas traria para a comunidade acadêmica e profissional?

Ao tentar encontrar respostas para essas perguntas, conseguimos entender que, quando um colega latino-americano se depara com a decisão de escrever ou não escrever, ele leva em consideração um rico e diversificado conjunto de razões e argumentos. A favor da formalização das práticas por meio da escrita, eles entendem que é por meio dela que o conhecimento é validado e se torna visível. Mas, por outro lado, enfrentam muitos obstáculos ao tentar dar o passo que os transformaria em autores: a falta de tempo, a dedicação ao trabalho imposta pela profissão e o fato de ter de realizar várias atividades simultaneamente em um contexto de vulnerabilidade econômica, entre outros motivos (Díaz Abrahan et al., 2022).

Na situação de dependência acadêmica mencionada acima, reconhecemos que o número limitado de publicações produzidas na região pode ser um bom motivo para a aceitação acrítica de noções que surgiram e foram desenvolvidas em contextos sociais, históricos e culturais muito diferentes da América Latina, mas que são usadas para justificar práticas profissionais devido à falta de referências locais.

A Construção de Autonomias Edição Especial: Perspectivas Decoloniais da América Latina

Reconhecendo os obstáculos que condicionam a construção do conhecimento musicoterapêutico da América Latina e considerando a dinâmica das relações de dependência acadêmica que são funcionais à colonialidade epistêmica, tomamos consciência do desafio que pode representar o convite para fazer parte de um espaço para que as vozes latino-americanas compartilhem seus conhecimentos com o resto do mundo.

É importante destacar que, do nosso ponto de vista, pensar e trabalhar a partir de perspectivas decoloniais implica não apenas no desenvolvimento de conhecimentos que sejam versões locais de algumas ideias globais. O convite que queremos fazer hoje é pensar em uma musicoterapia latino-americana cujos saberes e práticas não apenas estejam presentes, mas também *situados*.

Seguindo Piazzini Suárez (2014), caracterizamos o conhecimento situado como um conhecimento que torna visíveis os espaços dos quais ele emerge. Assim, as paisagens que habitamos e nas quais exercemos nossa profissão não são apenas os cenários ou os contextos de nossas práticas, mas se tornam condição de possibilidade para que possamos pensar sobre elas. Essa *situacionalidade*, “longe de ser entendida como um viés local do conhecimento universal, toma para si o valor de privilégio epistêmico, a serviço da obtenção do conhecimento de realidades particulares” (Tosto, 2023, par. 42). Em outras palavras, o forte envolvimento com nossos objetos de estudo, nossa proximidade com eles, não é um obstáculo para a construção do conhecimento; ao contrário, essa posição se torna uma vantagem, uma oportunidade de entender com mais profundidade o que estudamos.

Acreditamos que uma edição especial da *Voices* destinada a refletir sobre perspectivas decoloniais também é uma oportunidade de dar voz ao conhecimento que foi marginalizado e que está cada vez mais em busca de um canal para se expressar.

Portanto, abrimos a chamada para musicoterapeutas latino-americanos que desejem compartilhar suas reflexões sobre a disciplina. Inicialmente, propomos contribuições sobre:

- Programas de formação acadêmica: conteúdos, atividades de ensino-aprendizagem, estágios supervisionados, etc.
- Conhecimentos e/ou saberes disciplinares, levando em conta aqueles originados nas comunidades das quais fazemos parte.
- Metodologias de pesquisa: projetos qualitativos, quantitativos e mistos.
- Práticas profissionais em diferentes campos
- Os processos de formalização das práticas por meio da escrita e da publicação em periódicos.

Como editores responsáveis por esta edição especial, estamos comprometidos com a geração de espaços comuns de trabalho, com uma agenda de reuniões regulares com os autores e revisores, com o objetivo de publicar o resultado em novembro de 2025. Nossa intenção é trabalhar a partir de uma perspectiva decolonial no processo de revisão e edição. Isso implica:

- Ackno. Reconhecer situações de vulnerabilidade que os autores podem vivenciar durante o processo de publicação;
- Construir uma modalidade de diálogo que, com base na ideia de cuidar do outro, capacite os colegas a realizar o processo de escrita; e,
- Promover a explicitação da natureza situada do conhecimento compartilhado em cada um dos artigos apresentados.

Para concluir, entendemos que os musicoterapeutas da América Latina aprenderam a fazer a disciplina e a profissão com modelos provenientes dos Estados Unidos e da Europa, que geralmente aceitamos de forma acrítica. Não é fácil sair da posição de colonizado, nem é fácil sair da posição de colonizador. É preciso renunciar aos privilégios e sair das zonas de conforto e optar por uma “ética do outro,” no sentido dado pela antropóloga argentina Rita Segato (2013, p. 12), em que não se trata de “[...] dirigir nosso olhar para o outro com o objetivo de conhecê-lo, mas [a possibilidade de] nos conhecermos no olhar do outro,” [permitindo] que “seu olhar nos alcance.”

Nesta Edição

Gostaríamos de agradecer e reconhecer todos os editores e revisores por seu trabalho na realização desta edição. Agradecemos a Tim Honig, Sue Hadley, Claire Ghetti, Hanne Fosheim, Haruna Inagaki, Kei Slaughter, Jasmine Edwards, Javier Urrutia, Nsamu Moonga, Andrew Rossetti, Bethan Lee Shrubsole, Nami Yoshihara 吉原 奈美, Katrina Skewes McFerran, Lillian Eyre, Scott Horowitz, Katrien Foubert, Courtney Belt, e Nicki Cohen. Gostaríamos também de agradecer a Claudia Zanini e Jacqueline Macri por sua contribuição para as edições em português e inglês desta publicação. Estendemos nossos agradecimentos aos autores que contribuíram para esta edição de julho de 2024. Eles criaram uma rica trama de reflexões sobre a prática clínica e artigos de pesquisa que é envolvente e altamente valorizada.

O estudo de Sekyung Jang explora abordagens holísticas para a educação em musicoterapia, com ênfase na criação de uma cultura de aprendizado, na promoção do aprendizado contínuo, no incentivo ao aprendizado autodirigido e no ensino da diversidade. Suas estratégias visam integrar teoria e prática, equilibrar a arte e a ciência da musicoterapia e preparar os alunos como aprendizes independentes.

Victoria Davenport aborda o papel vital dos intérpretes de idiomas como agentes culturais na musicoterapia dentro dos Estados Unidos, país com diversidade linguística,

ênfatisando a importância de convidar intérpretes para o espaço terapêutico a fim de superar as distâncias culturais e linguísticas.

Triona McCaffrey e seus colegas descrevem a criação da *Alliance for Recovery Research in Music Therapy* (ARRIMT) para integrar as vozes dos usuários de serviços da pesquisa sobre saúde mental. Por meio da colaboração multinacional, foram identificadas quatro prioridades de pesquisa: música como conector, música entre as sessões, tecnologia musical e musicoterapia on-line. Este artigo destaca a coprodução e o papel da música na construção da identidade de grupo e a colaboração eficaz.

O artigo de Nuria Inés Alicia Marsimian enfoca a supervisão em musicoterapia para terapeutas argentinos que trabalham com autismo. A autora compartilha reflexões e diretrizes baseadas em sua ampla experiência, abordando questões e desafios encontrados durante a supervisão. Este artigo foi enviado e revisado em inglês e espanhol, e é o resultado da integração dos comentários de dois revisores em diferentes locais geopolíticos e com diferentes posicionamentos epistêmicos.

Niels Hannibal e Gitta Strehlow refletem sobre o uso da musicoterapia, em especial a improvisação, com pacientes diagnosticados com transtornos de personalidade. O artigo discute os desafios e as vantagens tanto para os pacientes quanto para os terapeutas, oferecendo uma visão diferenciada do processo terapêutico. A discussão explora a relação entre desafios e ruptura/reparação, e como a musicoterapia se alinha à teoria do fator comum.

Por fim, a autoetnografia de Andeline dos Santos explora sua jornada pessoal no uso de técnicas de musicoterapia para lidar com dificuldades de empatia em um contexto familiar relacionado a traumas passados. Ela investiga como essas ferramentas podem aprimorar as respostas empáticas ao seu filho e fornecer insights para as sessões de musicoterapia. O estudo destaca o potencial do uso de caminhos empáticos para processar emoções e promover a empatia centrada no outro em ambientes terapêuticos.

Sobre os autores

Juan Pedro Zambonini é musicoterapeuta e pesquisador argentino com experiência na Argentina, no México e nos Estados Unidos. Obteve um PhD em Musicoterapia pela Temple University e atualmente trabalha na equipe de Terapias de Artes Criativas no Children's Hospital of Philadelphia. Ele é membro da Comissão de Educação da Federação Mundial de Musicoterapia. Seus interesses de pesquisa incluem descolonização da produção de conhecimento, perspectivas antiopressivas, pesquisa de intervenção, as chamadas crianças e jovens em situação de risco, teoria da resiliência, abordagens preventivas, psiconeuroimunologia, pesquisa de métodos mistos, ensino e supervisão clínica.

Virginia Tosto é professora da Universidade de Buenos Aires (UBA) e da Universidad Juan Agustín Maza. Ela é doutoranda em Epistemologia e História da Ciência (UNTREF), com foco de pesquisa em cognição musical incorporada. Supervisora clínica, orientadora acadêmica e diretora do projeto de pesquisa "Noções de música na formação de musicoterapeutas" (UMaza). Ela também é membro da Associação Argentina de Musicoterapia e da Comissão de Desenvolvimento de Conhecimento do Comitê Latino-Americano de Musicoterapia (CLAM).

Referências

- Beigel, F. (2013). Centros y periferias en la circulación internacional del conocimiento [Centros e periferias na circulação internacional do conhecimento]. *Nueva Sociedad*, 245, 110–123. <http://hdl.handle.net/11336/1232>
- Castro-Gómez, S., E Grosfoguel, R. (2007). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global [A virada decolonial. Reflexões para uma diversidade epistêmica além do capitalismo global]*. Siglo del Hombre Editores.
- Díaz Abrahan, V., Zambonini, J. e Tosto, V. (2022). La formalización de las prácticas profesionales en Musicoterapia. Una aproximación al estudio de la construcción de conocimientos disciplinares en América Latina [A formalização das práticas profissionais em musicoterapia. Uma abordagem para o estudo da construção do conhecimento disciplinar na América Latina]. *Espacios en Blanco. Revista de Educación*, 2(32), 83–96.
- Dos Santos, T. (2003). *La teoría de la dependencia [Teoria da dependência]*. Plaza & Janés.
- Lander, E. (Ed.) (2000). *La colonialidad del saber. Eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas [A colonialidade do conhecimento. Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas]*. CLACSO.
- Maldonado-Torres, N. (2007). Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto [Sobre a colonialidade do ser: Contribuições para o desenvolvimento de um conceito]. En Castro-Gómez, S. e Grosfoguel, R. (Eds.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global [A virada decolonial: reflexões para uma diversidade epistêmica além do capitalismo global]* (pp. 127–168). Siglo del Hombre Editores.
- Mignolo, W. (2003). *Historias locales/diseños globales: Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo [Histórias locais/designs globais. Colonialidade, conhecimento subalterno e pensamento de fronteira]*. Ediciones Akal.
- Mignolo, W. (2005). Espacios geográficos y localizaciones epistemológicas: La ratio entre la localización geográfica y la subalternización de conocimientos [Geographical spaces and epistemological locations: The ratio between geographical location and the subalternisation of knowledge]. *GEOgraphia*, 7(13), 7–28.
- Perrota, D. V. (2017). Universidad y Geopolítica del Conocimiento [A universidade e a geopolítica do conhecimento]. *Revista Ciencias Sociales (Dossier Universidad)*, 94, 50–58. <http://hdl.handle.net/11336/76122>
- Perrota, D., e Porcelli, E. (2019). El regionalismo es lo que la academia hace de él [O regionalismo é o que a academia faz dele]. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, 28(1), 183–218. <http://dx.doi.org/10.26851/rucp.28.1.7>
- Piazzini Suárez, C. (2014). Conocimientos situados y pensamientos fronterizos: una relectura desde la universidad [Conhecimento situado e pensamento limítrofe: Uma releitura a partir da universidade]. *Geopolítica(s)*, 5(1), 11–33. http://dx.doi.org/10.5209/rev_GEOP.2014.v5.n1.47553
- Segato, R. (2018). *Contra-pedagogías de la crueldad [Contra-pedagogias da crueldade]*. Prometeo.
- Tosto, V. (2023). Construcción de conocimientos en América Latina. Ontologías del espacio regional [Construção do conhecimento na América Latina. Ontologias do espaço regional]. *Millcayac*, 10(18), 1–18 <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525874126003>
- Zuckerfeld, M. (2008). El rol de la propiedad intelectual en la transición hacia el capitalismo cognitivo [O papel da propriedade intelectual na transição para o capitalismo cognitivo]. *Argumentos. Revista de Crítica Social*, (9), 1–25.